



Tecnofilosofia Líquida:

ANDERS, BLUMENBERG E SLOTERDIJK

Orgs.
João Ribeiro Mendes & Bernhard Josef Sylla

Tecnofilosofia Líquida:

ANDERS, BLUMENBERG E SLOTERDIJK

Orgs.
João Ribeiro Mendes & Bernhard Josef Sylla

Braga ♦ 2019

FICHA TÉCNICA

Título: Tecnofilosofia Líquida: Anders, Blumenberg e Sloterdijk

Orgs. João Ribeiro Mendes e Bernhard Josef Sylla

Editor: Centro de Ética, Política e Sociedade

Ano: 2019

ISBN: 978-989-33-0068-8

DOI: [10.21814/1822.61953](https://doi.org/10.21814/1822.61953)

Índice

Notas preambulares	1
I. Textos traduzidos	5
<i>Günther Anders</i>	7
Die Antiquiertheit der Arbeit (1977)	9
Die Antiquiertheit der Maschinen I (1960)	22
Die Antiquiertheit der Maschinen II (1969)	27
Die Antiquiertheit der Geschichte I (1978)	35
Die Antiquiertheit der Geschichte II (1978)	55
Die Antiquiertheit der Geschichte III (1978)	61
<i>Hans Blumenberg</i>	67
Einige Schwierigkeiten, eine Geistesgeschichte der Technik zu schreiben (2009)	69
<i>Peter Sloterdijk</i>	87
Das Anthropozän – Ein Prozeß-Zustand am Rande der Erd-Geschichte? (2016)	89
II. Textos críticos	109
<i>Bernhard Sylla</i> , Traumatology and Technology – On Sloterdijk and Anders	111
<i>João Ribeiro Mendes</i> , Connecting the dots: History, Technology and Work in Günther Anders` <i>Antiquiertheit des Menschen II</i>	125
<i>Bernhard Sylla</i> , Blumenberg: Against the Demonization of Technology	139
<i>Felizardo Pedro</i> , Sloterdijk: Da Crítica da Cinética Política à Consciência da Cidadania da Terra	153

Notas preambulares

O presente livro que apresentamos ao público de expressão portuguesa resulta do trabalho desenvolvido no âmbito da “Ação integrada Luso-Alemã A46/16”, financiada pelo DAAD (Deutscher Akademischer Austauschdienst) e pelo CRUP (Conselho de Reitores das Universidades Portuguesas) e intitulada “Tecnoética líquida de Günther Anders, Hans Blumenberg e Peter Sloterdijk”, que decorreu ao longo do biénio de 2016-2017. Colaboraram nesta ação professores e investigadores da universidade alemã Technische Universität Braunschweig (Nicole Karafyllis, Stefan Lobenhofer e Steffen Stolzenberger) e da Universidade do Minho, em Braga, Portugal (João Ribeiro Mendes, Bernhard Sylla, Marco Marian e Felizardo Pedro). Embora a responsabilidade por esta edição seja exclusivamente do grupo de pesquisa da Universidade do Minho, os editores e colaboradores querem exprimir a sua gratidão aos colegas de Braunschweig pelos frutíferos debates e pelas reflexões críticas e estimulantes sem os quais não se teria chegado ao resultado que aqui se apresenta.

Um traço comum de muitas investigações científicas e filosóficas é a experiência de que o tema inicial e com este o objetivo principal da investigação podem sofrer alterações devido ao desenvolvimento da investigação em curso. É esta experiência que também nos ocorreu neste projeto. O enfoque inicialmente colocado no aspeto ético das teorias dos três autores aqui abordados era decerto legítimo, mas revelou-se *a posteriori* demasiado restrito, tendo em conta a complexidade e abrangência das questões que se levantam quando se confrontam precisamente estes autores. Daí que achemos que o título atual seja mais adequado do que o título originalmente proposto para a Ação. Mantivemos a alusão à noção baumaniana da “liquidez”, pois parece-nos que toda a tecnofilosofia, e mais ainda uma tecnofilosofia que se insere nas recentes reflexões em torno do novo conceito de “Antropoceno”, ainda esteja em vias de se constituir, facto que implica não só a busca de fundamentos sólidos, mas também a vantagem de todos os recém-nascidos: plasticidade, abertura e atenção aguda aos acontecimentos atuais.

Os três autores traduzidos e comentados neste livro, Günther Anders, Hans Blumenberg e Peter Sloterdijk, são filósofos alemães. Günther Anders (1902-1992) é ainda pouco conhecido em Portugal, e a quase totalidade dos seus textos aguarda ainda tradução para o português. Embora tenha obtido a sua formação filosófica sob orientação e influência dos grandes filósofos dos tempos da República de Weimar, como Husserl – orientador da sua tese de doutoramento em Filosofia – Heidegger e Cassirer, para não falar do seu contato íntimo com Hannah Arendt com quem esteve casado entre 1929 e 1936, Anders desenvolveu a sua atividade filosófica fora do contexto académico. Exilando-se do país natal

aquando da ascensão da ditadura nacional-socialista, Anders escreveu as suas obras principais em Nova Iorque, como pensador livre. Toda a sua vida foi profundamente marcada pela luta intelectual e militante contra a política do armamento nuclear. Contudo, seria redutor ver nesta luta acérrima o único aspeto interessante da sua obra. Antes pelo contrário, a análise da relação entre o homem e a tecnologia chega a resultados inéditos que permitem encarar o fenómeno da crescente tecnicização do mundo e do seu impacto sobre a condição humana de uma forma nova e deveras pregnante. Consideramos que este enfoque é paradigmaticamente representado pelos textos aqui traduzidos sobre a obsolescência do trabalho, das máquinas e da história, que constam do segundo volume da obra principal de Anders, *A Obsolescência do Homem*.

Hans Blumenberg (1920-1996) é, tal como Anders, um autor ainda pouco trabalhado em Portugal. Professor de Filosofia nas universidades alemãs de Hamburgo, Gießen, Bochum e Münster, os interesses de Blumenberg concentraram-se, por um lado, em estudos filosófico-históricos, incidindo particularmente na passagem da filosofia medieval e renascentista à filosofia da Modernidade, e por outro lado em estudos metaforológicos que congregam as perspetivas histórica e sistemática. Para além disso, um autor atento de Blumenberg notará também a presença da sua formação filosófica que assentara nos dois pilares da filosofia escolástica e da fenomenologia husserliana. Munido de uma enorme erudição, fruto de uma investigação quase que obcecadamente realizada durante décadas, Blumenberg também legou à posteridade um conjunto de escritos sobre a técnica, editados muito recentemente, em 2015, pela editora alemã Suhrkamp. O texto aqui traduzido de Blumenberg é um bom exemplo da argumentação subtil e densa do autor, que se adequa à complexidade da rede de motivos e motivações teóricas e práticas que, segundo Blumenberg, funcionaram como motores da história do desenvolvimento da “técnica”. Se compararmos Anders e Blumenberg, saltará logo à vista a questão fundamental da controvérsia entre tecnófobos e tecnófilos que marcou profundamente o debate sobre a técnica nas primeiras décadas do pós-Segunda Guerra Mundial. Seguindo os moldes deste debate, Anders seria um tecnófobo e Blumenberg um tecnófilo moderado. Pensamos, no entanto, que este enquadramento não é suficiente para captar as ideias estimulantes e inspiradoras dos dois filósofos, porque as suas análises conduzem o leitor às portas de uma reflexão mais profunda sobre a lógica do desenvolvimento tecnológico. Nesta reflexão, os dois autores apresentam resultados deveras diferentes.

O artigo aqui traduzido de Peter Sloterdijk (*1947), na versão alargada e revista de 2016, coloca esta mesma questão do desenvolvimento tecnológico a partir da perspetiva do “Antropoceno”, perspetiva essa que começou a constituir-se apenas no século XXI. Sloterdijk, cuja obra se poderia dividir – como acontece com autores como Wittgenstein e Heidegger – em duas fases distintas, tinha defendido, antes de 1999, ano em que despoletou uma intensa polémica com Habermas e outros intelectuais da Alemanha, uma posição marcadamente antiprogressista e, implicitamente, tecnófoba. A partir do novo milénio veio a sustentar, no entanto, uma posição que deposita grande esperança numa “homeotécnica” que se distinguiria essencialmente de uma “alotécnica”. Usar a tecnologia inteligente, cooperativa e criativamente, corresponderia a uma viragem paradigmática do nosso pensar e agir, não exequível nos moldes do pensamento atual em torno da ameaça cada vez mais premente do colapso total do planeta Terra.

Esta brevíssima caracterização das perspectivas que se abrem à investigação quando comparamos e confrontamos estes três autores escolhidos, indica um caminho de pesquisa que se pré-orienta em duas questões: (i) Num primeiro plano, salta à vista a emergência da problemática que se veio a constituir no século XX, a de assumir uma posição fundamentada perante o fenómeno do veloz desenvolvimento tecnológico que começa a ameaçar a sobrevivência da espécie humana e do seu habitat. Esta ameaça evoca quase que naturalmente um compromisso com juízos de valor radicais a favor ou contra a “técnica”. Esta reação, todavia, que parece natural no momento histórico quando o feito humano alcança, pela primeira vez, a dimensão de poder extinguir o seu próprio dono e criador, cederá muito rapidamente espaço a uma reflexão mais ponderada. (ii) Desta forma surge, num segundo plano, o desejo de se libertar da vinculação às dicotomias demasiado agrestes, que estruturaram a reflexão pós-guerra sobre a “técnica”, e de chegar a um entendimento mais sóbrio e talvez mais equilibrado sobre as causas, os motivos, os mecanismos e a lógica do desenvolvimento tecnológico, e sobre as suas condições sociais, éticas e políticas. As obras dos três autores podem ser lidas a partir de ambos os aspetos. E julgamos que os comentários e artigos reunidos neste livro dão conta disso.

Com base nestes pressupostos, optou-se por prescindir da ideia de limitar o teor dos artigos a comentários estritamente relacionados com os textos traduzidos dos três autores. Embora estes textos sejam importantes e tenham perfil suficiente para servir como porta de entrada para um estudo mais incisivo, não seria adequado caracterizá-los como exemplificadores e paradigmáticos para o respetivo pensamento dos autores. Daí a função dos artigos ser importante por fornecerem reflexões complementares, capazes de conduzir o leitor a outras fontes sem descurar o vínculo com os textos traduzidos.

Os autores e editores querem ainda agradecer ao Deutscher Akademischer Auslandsdienst (DAAD) e ao CRUP (Conselho de Reitores das Universidades Portuguesas) o financiamento da Ação integrada Luso-Alemã que preparou o solo para o projeto da edição deste livro. As traduções dos respetivos textos foram realizadas por João Ribeiro Mendes (Blumenberg e Anders) e Bernhard Sylla (Sloterdijk) e revistas, reciprocamente, pelos mesmos.